

IMPACTOS DO USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS EM PACIENTES ODONTOLÓGICOS BRASILEIROS (2015-2025): PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O CIRURGIÃO-DENTISTA¹

IMPACTS OF PSYCHOTROPIC MEDICATION USE IN BRAZILIAN DENTAL PATIENTS (2015-2025): PERSPECTIVES AND CHALLENGES FOR THE DENTAL SURGEON

IMPACTOS DEL USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS EN PACIENTES ODONTOLÓGICOS BRASILEÑOS (2015-2025): PERSPECTIVAS Y DESAFÍOS PARA EL CIRUJANO DENTISTA

Nislân de Medina Santos¹

Fabício Silva Santos²

Emanuel Viera Pinto³

RESUMO: A presente pesquisa trata dos impactos do uso de medicamentos psicotrópicos em pacientes odontológicos brasileiros no período de 2015 a 2025. O problema central reside na seguinte questão: como o uso de psicotrópicos afeta a saúde bucal dos pacientes em atendimento odontológico? O objetivo geral consiste em analisar os efeitos dessas substâncias na saúde bucal, enquanto os objetivos específicos visam contextualizar o uso de psicotrópicos no Brasil entre pacientes que recebem atendimento odontológico, considerando a prevalência e os tipos de medicamentos mais utilizados, compreender os impactos fisiológicos e clínicos do seu uso, incluindo efeitos colaterais que possam interferir no tratamento odontológico, bem como apresentar estratégias, protocolos e recomendações direcionadas ao cirurgião-dentista. A metodologia consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa, com busca nas bases de dados Pubmed, Lilacs, Scielo e Medline. Os resultados alcançados indicam que a xerostomia é o impacto mais frequente, elevando o risco de cárie e doenças periodontais, além da ocorrência de distúrbios motores como o bruxismo e a discinesia tardia.

Palavras-chave: Psicotrópicos. Odontologia. Saúde bucal.

¹Graduando em Odontologia pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas.

²Graduação em odontologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, mestrado pela Universidade Federal do Sul da Bahia, professor do curso de odontologia da FACISA; preceptor responsável pelo internato em patologia oral e maxilo facial IPOM- FASCISA. Especialista em patologia oral.

³Professor, Escritor, Mestre em Gestão. Social, Educação e Desenvolvimento Regional, no Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU da Faculdade Vale do Cricaré - UNIVC (2012 -2015). Especialista em Docência do Ensino Superior Faculdade Vale do Cricaré. Possui graduação em BIBLIOTECOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO pela Universidade Federal da Bahia (2004 - 2009). Possui graduação em Sociologia pela Universidade Paulista (2017-2020) Graduação em Pedagogia. FAVENI-FACULDADE VENDA NOVA DO IMIGRANTE (2021 - 2024) Atualmente é coordenador da Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas da Bahia. Coordenador do NTCC FACISA, Pesquisador Institucional do sistema E-MEC FACISA, Recenseador do Sistema CENSO MEC FACISA. Coordenador do NTCC e NUPEX FACISA. Avaliador da Educação Superior no BASis MEC/INEP.

¹Artigo apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Bacharel em Odontologia, em 2026.

²Graduando em Odontologia pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas.

³Professor-Orientador. Mestre em Educação. Docente na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas.

⁴Professor-Orientador. Mestre em Educação. Docente na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas.

ABSTRACT: The use of psychotropic medications has increased significantly in Brazil, directly impacting dental practice due to the adverse effects these substances may cause in the oral cavity. In this context, the present study aimed to analyze the impacts of psychotropic medication use among Brazilian dental patients between 2015 and 2025, highlighting the main challenges faced by dentists during clinical care. This study consists of a qualitative bibliographic and documentary review conducted through a survey of scientific publications indexed in PubMed, LILACS, SciELO, and MEDLINE databases. The findings showed that xerostomia is the most frequent adverse effect, increasing the risk of dental caries, periodontal disease, oral candidiasis, and functional discomfort. Motor alterations such as bruxism and tardive dyskinesia were also identified, as well as potential drug interactions relevant to dental treatment planning. It is concluded that knowledge of the systemic and oral effects of psychotropic medications is essential for providing safe and effective dental care, requiring the adoption of specific protocols and a multidisciplinary approach aimed at promoting oral health and improving patients' quality of life.

Keywords: Psychotropic Drugs. Dentistry. Oral Health.

RESUMEN: El uso de medicamentos psicotrópicos ha presentado un crecimiento significativo en Brasil, reflejándose directamente en la práctica odontológica debido a los efectos adversos que estas sustancias pueden provocar en la cavidad oral. En este contexto, el presente estudio tuvo como objetivo analizar los impactos del uso de medicamentos psicotrópicos en pacientes odontológicos brasileños durante el período de 2015 a 2025, destacando los principales desafíos enfrentados por el cirujano dentista durante la atención clínica. Se trata de una investigación bibliográfica y documental, con enfoque cualitativo, realizada mediante la revisión de publicaciones científicas indexadas en las bases de datos PubMed, LILACS, SciELO y MEDLINE. Los resultados evidenciaron que la xerostomía constituye el efecto adverso más frecuente, favoreciendo el desarrollo de caries dental, enfermedad periodontal, candidiasis oral y malestar funcional. También se identificaron alteraciones motoras, como el bruxismo y la discinesia tardía, además de posibles interacciones farmacológicas relevantes para la planificación del tratamiento odontológico. Se concluye que el conocimiento de los efectos sistémicos y bucales de los psicotrópicos es fundamental para proporcionar una atención odontológica segura y eficaz, requiriendo la adopción de protocolos específicos y un enfoque multidisciplinario orientado a la promoción de la salud bucal y la mejora de la calidad de vida de estos pacientes.

Palabras clave: Psicotrópicos. Odontología. Salud bucal.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa abordará os impactos orais dos medicamentos psicotrópicos, que são fármacos utilizados no tratamento de transtornos mentais e que interferem consideravelmente na saúde bucal. Diante do exposto surge a seguinte questão: como o uso de psicotrópicos afeta a saúde bucal dos pacientes atendidos pelo cirurgião-dentista brasileiro?

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar os efeitos dessas substâncias na saúde bucal e os específicos baseiam-se em contextualizar o uso de psicotrópicos no Brasil entre

pacientes que recebem atendimento odontológico, considerando a prevalência e os tipos de medicamentos mais utilizados, compreendendo os impactos fisiológicos e clínicos do seu uso, incluindo efeitos colaterais que possam interferir no tratamento odontológico e apresentar estratégias, protocolos e recomendações para que o cirurgião-dentista possa manejar de forma segura pacientes em uso desses fármacos.

Dessa forma, a relevância dessa pesquisa se justifica pela urgência de se fornecer contribuições teóricas e práticas ao cirurgião dentista, que se alinhem as novas demandas vigentes de saúde mental e bucal no Brasil, destacando que as pessoas com histórico de transtorno mental apresentam um elevado risco de desenvolver desordens orais e ainda, pouco visitam um profissional da odontologia, procuram tardiamente por tratamento e encontram profissionais despreparados que os conduzem a soluções muitas vezes mutiladoras (SACCHETTO *et al.*, 2013; Santos DLN *et al.*, 2018).

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia adotada consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental, com o estudo de artigos científicos disponíveis nas bases de dados Pubmed, Lilacs, Scielo e Medline, com enfoque em publicações em inglês e português, entre os anos de 2015 a 2025.

Os resultados obtidos evidenciam que a xerostomia é o impacto mais comumente associado ao uso de medicamentos psicotrópicos, que ocasiona a progressão de outros agravos como a lesão cariosa e as doenças periodontais. Além disso, os antidepressivos e antipsicóticos típicos estão associados a disfunções motoras persistentes. Esses achados, corroboram para a necessidade de uma anamnese detalhada e abordagem interdisciplinar.

METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo bibliográfica e documental, ao qual possibilitou a pesquisa sistemática e avaliação crítica dos resultados, acrescido por análise documental que “fundamenta-se em conhecimentos proporcionados pela biblioteconomia e documentação, entre outras ciências e técnicas empregadas de forma metódica envolvendo a identificação, localização e obtenção do fichamento e redação do trabalho científico” (BOCCATO VRC, 2006). Por outro lado, como destaca GODOY (1995), a abordagem qualitativa permite o enfoque indutivo na análise de dados, não sendo necessário a utilização de ferramentas estatística e ainda assim a pesquisa é eminentemente descritiva.

O local de estudo da pesquisa supracitada foram as bases de dados nacionais e internacionais da área da saúde, incluindo Pubmed, Lilacs, Scielo e Medline, considerando o recorte temporal entre os anos de 2015 a 2025. Foram incluídas publicações em inglês e português, utilizando os descritores em ciência da saúde, associados a palavras-chaves “psicotrópicos”, ” odontologia”, ”saúde bucal”, com enfoque nacional.

A busca inicial realizada na fase de preparação resultou em 50 artigos, dos quais 18 foram selecionados após a leitura criteriosa dos títulos e resumo, seguido da análise completa do conteúdo, compondo a amostra final da pesquisa. Foram incluídos relatos de caso, estudos clínicos, revisões sistemáticas e livros de farmacologia que abordem a relação intrínseca entre o uso de medicamentos psicotrópicos e alterações na cavidade oral, como também estratégias de manejo clínico e foram excluídos artigos duplicados ou sem documento completo disponível e/ou resumo de congressos.

Fase de realização: compreende a realização do fichamento, que após a leitura na íntegra do conteúdo para a seleção dos artigos, responde o problema e alcança a elucidação dos objetivos específicos, abordando em três capítulos, o terceiro capítulo aborda o conceito de medicamentos psicotrópicos, o histórico mundial e nacional (prevalência e tipos mais usados); seguido pelo quarto capítulo tratando dos impactos na cavidade oral e o quinto capítulo com as estratégias de manejo, finalizando com a fase de comunicação que inclui a redação do trabalho científico, já de acordo com os desígnios da pesquisa.

MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS: BREVE HISTÓRICO MUNDIAL, NACIONAL E PANORAMA DE PREVALÊNCIA NO BRASIL

Este capítulo aborda o histórico dos medicamentos psicotrópicos no intervalo compreendido entre o ano de 1950 a 2000, no contexto nacional e mundial, conceituando sua definição, como também destacando os psicofármacos mais prevalentes e usados no contexto nacional. Para fins de análise, o estudo focará nos psicotrópicos de uso terapêutico das seguintes classes: ansiolíticos e hipnóticos, antidepressivos, antipsicóticos e estabilizadores de humor.

Os psicofármacos, segundo Yagiela et al. (2011), agem especificamente no sistema nervoso central, interferindo na função sináptica e no comportamento, sendo utilizados no tratamento de transtornos mentais. Do mesmo modo, Almeida et al. (2012), destaca que esses fármacos produzem alterações no comportamento, modulando o estado emocional e a conduta do indivíduo, podendo também causar dependência.

Entretanto, Braslow et al., (2019) destacam que esses medicamentos moldaram nossa compreensão científica e cultural sobre as psicopatologias, substituindo de forma gradual, a psicoterapia pela prescrição desses fármacos. Da mesma forma Coelho et al., (2024) enfatizam que gradualmente foi se dando destaque ao uso medicamentoso, como principal artifício para os tratamentos de distúrbios mentais.

Porém, a introdução dos primeiros psicotrópicos ocorreu somente em 1950, como acentua Coelho et al. (2024) e Braslow et al. (2019), com a síntese da clorpromazina, introduzindo um fármaco com propriedades antipsicóticas reais. Todavia, como pontua Yagiela et al. (2011), a maioria dos fármacos psicoterapêuticos, foram criados por acaso, como é o caso da clorpromazina, por outro lado, o autor corrobora que essa descoberta permitiu o tratamento clínico dos distúrbios psicóticos.

O Brasil acompanhou essa evolução e os anos de 1950 e 1960, foi marcado pela expansão do desenvolvimento de psicofármacos, como destaca Coelho (2024):

No período entre ditaduras (1946-1964) são desenvolvidos uma série de novos fármacos, desde os antibióticos, corticóides, quimioterápicos e os mais importantes para a pesquisa em questão, os psicofármacos (COELHO, 2024, p.125).

Nesse ponto de vista, Braslow et al. (2019) apontam a criação do Diazepam (Valium), sintetizado em 26 de outubro de 1959, redefinindo o significado de medicamento de sucesso, tornando-se amplamente utilizado e o medicamento mais prescrito no mundo entre 1968 e 1981. Ademais, Yagiela et al. (2011) e Braslow et al. (2019), corroboram ao afirmar que essas drogas, diminuíram as internações hospitalares, substituindo o modelo psicoterápico, pela prescrição medicamentosa.

Logo após o final do ano de 1980 teve como destaque a criação dos Inibidores Seletivos da Receptação de Serotonina (ISRS). Enquanto Braslow et al. (2019) detalha os novos lançamentos dos ISRSs, incluindo o Prozac em 1988, a proxetina em 1992 e o citalopram em 1998, Coelho (2024) acrescenta que esses avanços a partir de 1990, permitiram explicar melhor os mecanismos de ação, resultando em menos efeitos colaterais.

Nesse sentido, conforme Brasil (1998), no cenário nacional a crescente necessidade de controle especial e regulatório desses medicamentos, foi formalizado em 1998 com a Portaria SVS/MS nº 344, organizando os psicotrópicos em listas e estabelecendo normas rígidas de prescrição e dispensação. Atualmente, o desafio apontado por Gorenstein et al. (1999), consiste no entendimento profundo da anatomia e fisiologia do sistema nervoso central, para superar as limitações das psicopatologias.

Ademais, conforme Odilon et al. (2017) e Oliveira et al. (2023), no cenário mundial, estima-se que cerca de 450 milhões de pessoas no mundo desenvolveram algum tipo de desordem mental ou transtorno psicossocial, aumentando os diagnósticos e queixas, amplificando o uso de psicofármacos. Além do mais, Almeida et al. (2012), salienta que o cirurgião-dentista desempenha um papel importante no que se refere aos pacientes em uso desses medicamentos, com relação ao tratamento de doenças crônicas.

Em contrapartida, em relação a prevalência e os tipos de medicamentos psicotrópicos mais utilizados no território nacional, conforme salienta Sacchetto et al. (2013), em estudo observacional, os indivíduos faziam usos de três medicamentos principais em média, clonazepam, haloperidol, risperidona e carbamazepina.

Sob esse cenário, dados provenientes do estudo de Oliveira et al. (2023) realizado em Quixada-CE e por Prado et al. (2017) em Campinas-SP, evidenciaram que os grupos farmacológicos mais frequentemente utilizados em âmbito nacional são os antidepressivos, ansiolíticos, antipsicóticos e anticonvulsivantes, sendo esses grupos farmacológicos os mais proeminentes em uso no Brasil.

Todavia, Prado et al. (2017) destacam que os os medicamentos antipsicóticos mais utilizados são o haloperidol e o lítio. Entretanto, Oliveira et al. (2023) destacam que os antipsicóticos frequentemente utilizados são a risperidona, periciazina, levomepromazina, quetiapina, clorpromazina, haloperidol e olanzapina, conforme levantamento realizado em prontuários de controle especial.

IMPACTOS FISIOLÓGICOS E CLÍNICOS DO USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS NA CAVIDADE ORAL

O presente capítulo trata dos impactos associados ao uso crônico de medicamentos psicotrópicos em pacientes com transtornos mentais, que apresentam repercussões na cavidade oral, além de identificar as classes farmacológicas desse grupo que exercem maior impacto na saúde bucal.

Dessa forma, alguns autores como Abreu et al. (2000) e Yagiela et al. (2011) demonstram que os psicofármacos podem apresentar efeitos adversos relevantes, podendo o cirurgião-dentista esperar tratar pacientes que fazem uso desses fármacos para diversos distúrbios mentais, sendo esses agentes fator a ser considerado no tratamento odontológico.

Os pacientes com transtornos mentais apresentam uma série de características especiais que podem causar danos aos tecidos duros e/ou moles da cavidade oral (SACCHETTO et al. 2013). Da mesma forma que Carvalho (2016) valida ao afirmar que a saúde bucal dos que sofrem desses distúrbios é geralmente mais comprometida do que a da população em geral, principalmente pela falta de autocuidado, quanto pelo uso de psicofármacos, essas substâncias podem estar ligadas a reações adversas, com alteração do fluxo salivar e das funções psicomotoras.

Diante disso, a utilização de psicofármacos, embora necessária, impõe desafios ao sistema estomatognático. Almeida et al. (2012) e Franco et al. (2022) demonstram que os efeitos desses fármacos podem interferir nas glândulas salivares, com possíveis interferências no fluxo e na composição da saliva, essa alteração se manifesta pela diminuição da secreção e da perda da qualidade da saliva.

Da mesma forma, Ulisses et al. (2020) acentuam que a utilização frequente de psicotrópicos pode estar associada ao desequilíbrio da cavidade oral, alterando a composição e o fluxo salivar, predispondo ao surgimento de xerostomia e disgeusia. Diante disso, Sacchetto et al. (2013) pontuam que o diazepam, o clonazepam, a carbamazepina e a fluoxetina podem estar relacionados a xerostomia. Na mesma linha, Franco et al. (2022) afirmam que o uso de certos medicamentos causa xerostomia, dentre essas drogas estão os anti-histamínicos e os antidepressivos.

Apesar disso, Odilon et al. (2017) e Franco et al. (2022) indicam que embora a xerostomia frequentemente esteja associada a hipofunção da glândula salivar, esta defini-se principalmente pela sensação subjetiva de boca seca relatada pelo indivíduo, nem sempre pela diminuição objetiva da glândula salivar, sendo um sintoma subjetivo, que raramente indica comprometimento clínico das glândulas salivares.

Ainda nesse ponto de vista, os antidepressivos, estão frequentemente associados a redução da secreção salivar. Segundo Franco et al. (2022), esse fenômeno decorre da atividade anticolinérgica (ou antimuscarínica), que bloqueia os receptores das glândulas salivares, inibindo a secreção, sendo os antidepressivos mais frequentemente citados como causadores dessa alteração. Similarmente, Almeida et al. (2012) relatam que há uma queixa frequente de salivagem diminuída em pacientes em uso de antidepressivos, como também de alteração da viscosidade da saliva.

De forma semelhante, Franco et al. (2022) e Carvalho (2016) destacam que a saliva tem papel fundamental na proteção do elemento dentário e dos tecidos periodontais, sendo que a deficiência desse fluido, acarreta o surgimento de cáries e doenças periodontais, que em estágios mais avançados, podem culminar em edentulismo.

Contraditoriamente, a sialorreia, que é o aumento da salivação, é especialmente associada à clozapina, como salienta Carvalho (2016):

O efeito adverso mais relatado é a sialorreia. Aproximadamente um terço dos indivíduos tratados com clozapina apresenta sialorreia diurna e noturna, que dificulta o controle da deglutição do volume total da saliva produzida, resultando em constrangimentos que lhes são impostos por indivíduos que, desconhecendo o problema, agem de forma preconceituosa e repressora (CARVALHO, 2016, p.27).

No entanto, Sacchetto et al. (2013) aponta que a sialorreia pode ser causada também pelo uso de risperidona, que por sua vez, está associada ao aumento do fluxo salivar. Os autores demonstram condições diversas em relação aos medicamentos que podem causar vulnerabilidade da situação clínica, que está associado ao uso de psicofármacos com efeitos na saúde bucal.

Por outro lado, o uso crônico dos psicofármacos, torna o meio bucal propício a alterações relevantes. Ulisses et al. (2020) e Velasco-ortega et al. (2017) argumentam que as manifestações bucais são recorrentes em pacientes com transtornos mentais, como as infecções fúngicas, síndrome da boca ardente, líquen plano e a incidência de cárie elevada, devido ao uso desses medicamentos.

Outro achado importante em relação ao uso de psicofármacos, que tem impacto em pacientes odontológicos, são as síndromes extrapiramidais. De acordo com YAGIELA (2011), estes são distúrbios do movimento causados principalmente pelo uso de fármacos antipsicóticos. Entretanto, os estudos de Clark et al. (2007) destacam que independentemente do medicamento psicotrópico prescrito, quatro distúrbios motores podem se manifestar, a saber: o bruxismo, a distonia oromandibular, a discinesia e as reações extrapiramidais induzidas por medicações.

Segundo Yagiela et al. (2011) a discinesia tardia manifesta-se com movimentos involuntários que podem atingir a região orofacial, envolvendo movimentos protusivos da língua, tiques e movimentos mastigatórios repetitivos, persistente mesmo após a descontinuidade do fármaco. Esse entendimento clínico converge com as bases do estudo de Carvalho (2016), de que as manifestações motoras da discinesia tardia é focada em movimentos mastigatórios involuntários e estalidos labiais.

Diante disso, corrobora aos achados de Resende et al. (2024), em seu relato de caso, que demonstrou a correlação do bruxismo desencadeado pelo uso de escitalopram, que persistiu mesmo após a descontinuidade do fármaco. Ademais, Carvalho (2016) e Franco et al. (2022) destacam que essa condição pode ser desencadeada ou exacerbada em particular pelos Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), como Escitalopram e a fluoxetina.

Em outro aspecto, os distúrbios degustativos também estão associado ao uso desses fármacos, como salienta Franco et al. (2022) e Carvalho (2016), as disfunções no paladar e na motilidade facial estão frequentemente associadas ao uso de fármacos, especialmente aos psicotrópicos, que interferem no VII par craniano, responsável pela expressão facial e pelas sensações gustativas nos dois terços anteriores da língua, essa inervação pode estar comprometida nos usuários de psicofármacos, particularmente em uso de antipsicóticos típicos, causando disgeusia, ageusia e hipogeusia.

Deste modo, a análise dos autores demonstra a relação intrínseca entre psicofármacos e os impactos na cavidade oral, causando alterações orais para além de efeitos colaterais.

ESTRATÉGIAS, PROTOCOLOS E RECOMENDAÇÕES PARA O CIRURGIÃO-DENTISTA NO MANEJO DE PACIENTES EM USO DE PSICOFÁRMACOS

9

O presente capítulo aborda as estratégias e protocolos de manejo aos pacientes em uso de psicofármacos, no que cerne aos efeitos com repercussões orofaciais, evidenciadas no tópico anterior do estudo.

Em vista disso, segundo Sacchetto et al. (2013), o sucesso do atendimento odontológico, envolve o conhecimento das dificuldades motoras, comportamentais e comunicativas, abrangendo a participação do cuidador, para assegurar um acompanhamento humanizado e clinicamente resolutivo. Nesse sentido, Carvalho (2016) complementa ao destacar a necessidade de integrar o dentista nas equipes multidisciplinares de saúde mental, focando no monitoramento e manutenção da saúde bucal.

O manejo da xerostomia envolve, segundo Franco et al. (2022) recomendações que evitem o consumo de álcool/tabaco e hidratação constante, para alívio dos sintomas e aumento do fluxo salivar. Por outro lado, Yagiela et al. (2011) acentuam que os agonistas dos receptores muscarínicos, como pilocarpina e cevimelina, podem ser úteis na estimulação do fluxo salivar quando há tecido glandular funcional presente e quando não há contraindicações para seu uso. Entretanto, o dentista deve avaliar os riscos, como a sudorese; a contraindicação em asma não

controlada e na ausência total da função salivar; nesses casos indicar fluidos orais e saliva artificial.

Entretanto, Carvalho (2016) pontua que há recomendações, a partir da perspectiva do autocuidado e da realização de tratamentos preventivo/curativo, a fim de evitar patologias bucais mais graves, como a celulite facial. Nesse sentido, Franco et al. (2022) ressaltam que é essencial o controle rigoroso da placa bacteriana e da dieta, fornecendo aconselhamento dietético.

Todavia, Yagiela et al. (2011) ponderam que na ocorrência de redução do fluxo salivar os pacientes precisam prestar atenção à higiene oral e o controle da cárie precisa ser agressivo. Se houver piora na saúde oral, uma consulta ao médico do paciente pode ser útil na identificação de alternativas terapêuticas apropriadas com menos xerostomia. Ademais, Sacchetto et al. (2013) enfatizam que esse quadro é piorado pela dificuldade no diagnóstico realizado pelo próprio paciente, devido à baixa motivação e a resistência em cooperar, dificultando a adesão ao tratamento.

Em contraste, a sialorreia conforme Yagiela et al. (2011) é um efeito colateral recorrente do uso de clozapina e olanzapina, que pode ser manejado de diversas formas, como o uso de anticolinérgicos com atuação periférica, central, local e em quadros mais graves, com a aplicação de toxina botulínica nas parótidas. Contudo, essas intervenções podem agravar problemas odontológicos, relacionados a xerostomia. Porém, Carvalho (2016) pontua que as intervenções alternativas de tratamento, ainda carecem de embasamento científico, no que cerne a real eficácia na abordagem desse efeito adverso.

No que se refere as desordens degustativas, Carvalho (2016) enfatiza que a avaliação clínica deve incluir o exame do nervo facial que pode estar comprometido em usuários de psicofármacos. Em contrapartida, Yagiela et al. (2011) acentuam a necessidade do uso de medidas paliativas, como o uso de chicletes com sabor, sem açúcar (que podem ser benéficas para alguns pacientes), aromatização dos alimentos, aconselhamento nutricional e modificação da textura da dieta.

No que diz respeito às síndromes extrapiramidais causadas pelo uso de psicoterapêuticos, Carvalho (2016) pontua que o tratamento envolve a adoção de agentes farmacológicos complementares como o lítio, os benzodiazepínicos, o biperideno, a substituição dos fármacos antipsicóticos típicos por atípicos e ajuste de dose. Nesse sentido,

converge com as considerações de Yagiela et al. (2011) de que a descontinuidade do fármaco, muitas das vezes é necessário, sendo os agentes atípicos uma alternativa de tratamento.

No entanto, tanto Clark et al. (2007) quanto Resende et al. (2024), destacam que o cirurgião-dentista carece de conhecimento farmacológico, bem como das considerações referentes ao risco/benefício e abordagem interdisciplinar no manejo de pacientes com distúrbios oromotores. Dessa forma, a precisão da dosagem e o monitoramento do paciente são pilares essenciais, visando a melhoria do quadro clínico.

Por outro lado, o bruxismo desencadeado ou exacerbado, em particular pelos Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina, demandam uma abordagem multidisciplinar. Segundo Carvalho (2016) e Resende et al. (2024), o manejo envolve descontinuidade ou ajuste da dose medicamentosa, associado a medidas não farmacológicas, como o encaminhamento ao psicólogo para controle da ansiedade e estresse, garantindo proteção ao sistema estomatognático.

As estratégias farmacológicas abordadas pelos autores, como a mudança de dose e/ou ajuste, são uma prerrogativa do médico psiquiatra, porém o cirurgião-dentista atua no manejo clínico ou na detecção precoce de distúrbios relacionados a necessidade de ajuste terapêutico, como as síndromes extrapiramidais, uma vez que a discinesia tardia, à exemplo, se manifesta com alterações oromandibulares.

11

Por fim, as considerações dos autores, reforçam o papel do cirurgião-dentista frente aos impactos do uso desses medicamentos, seja no manejo clínico ou na detecção precoce de distúrbios relacionados a necessidade de ajuste terapêutico, como as síndromes extrapiramidais. Portanto, atua com o objetivo de diminuir os riscos associado ao uso crônico de psicofármacos, assegurando a saúde bucal e o bem-estar geral do paciente.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em face do crescente número de pacientes em uso de psicofármacos, os capítulos destacam o papel do cirurgião-dentista frente aos impactos do uso desses medicamentos, uma vez que pode se deparar em sua rotina clínica, com esse atendimento desafiador, exigindo preparo no atendimento para além do convencional.

A predominância de xerostomia na literatura analisada sugere que este é um dos impactos subestimado do uso crônico de psicofármacos, mas que pode gerar agravantes significativos a cavidade oral e consequentemente comprometer o sistema estomatognático.

Esse achado, merece destaque pois a deficiência desse fluido, resulta em agravantes como a cárie e as doenças periodontais.

No entanto, percebe-se que esse achado predominante condiz ao fato da maioria dos estudos na área da farmacologia direcionada para os medicamentos psicotrópicos, com repercussão na cavidade oral, serem direcionados a glândula salivar, necessitando futuramente de pesquisas específicas em outras áreas da anatomia facial.

Ademais, é notável que há uma divergência entre a sensação subjetiva de boca seca e a hipoatividade objetiva da glândula salivar, reforçando a necessidade de estudos mais específicos sobre os diagnósticos dessa condição, garantindo assim maior precisão durante a anamnese e consequentemente a obtenção de tratamentos mais precisos e resolutivos.

Um achado crítico é a persistência de distúrbios motores mesmo após a descontinuidade do fármaco, como o observado no caso do bruxismo desencadeado por escitalopram, indicando que os psicotrópicos podem causar alterações duradoras na região orofacial. Além do mais, a discinesia tardia tende a persistir e ser irreversível, o que pode acarretar dificuldades no tratamento em reabilitação oral e instabilidades durante procedimentos técnicos.

Além disso, a literatura destaca que a sialorreia, apresenta estratégias de manejo complexas para o controle. Por fim, o tratamento desses pacientes, devem ser pautados nos conceitos de clínica ampliada e humanização, sendo fundamentado em anamnese detalhada e contínua, abordagem multidisciplinar e educação em saúde focado no autocuidado e controle dos fatores agravantes.

Portanto, os achados corroboram para a necessidade urgente de um olhar ampliado e preparo do cirurgião-dentista no manejo odontológico desses pacientes, considerando que as alterações orais, causadas pelo uso crônico de medicamentos psicofármacos afetam diretamente na qualidade de vida desses indivíduos.

CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado, nota-se que os medicamentos psicotrópicos impactam profundamente e de forma multifatorial a saúde bucal de pacientes brasileiros. A xerostomia, apresenta-se como um dos impactos, elevando o risco de cáries, doenças periodontais e infecções oportunistas, devido a redução do fluxo salivar, uma vez que a saliva atua na homeostasia do meio bucal.

Ademais, essas repercussões da hipossalivação, convergem no comprometimento do sistema estomatognático, impactando na qualidade de vida e na adesão ao tratamento psiquiátrico, pois muitas das vezes essas alterações são negligenciadas.

Dessa maneira, o manejo seguro exige anamnese detalhada, pautada nos princípios de clínica integrada e humanização, permitindo que o profissional identifique assim a necessidade de tratamentos paliativos ou preventivos, garantindo tratamentos menos invasivos e a segurança desses atendimentos,

Contudo, a limitação desse estudo residiu na quantidade reduzida de pesquisas nacionais sobre os impactos causados pelo uso de medicamentos psicotrópicos na saúde bucal, concentrando-se na maioria das vezes em análises específicas da glândula salivar, além da escassez de abordagens terapêuticas direcionadas ao tratamento, seja de modo preventivo, paliativo ou curativo, necessitando futuramente de embasamento científico aprofundado.

Desse modo, a saúde bucal desempenha um papel fundamental na manutenção da saúde mental, uma vez que a autoimagem e a autoestima do indivíduo, pode se deteriorar devido aos quadros apresentados, tornando-se um agravante do sofrimento psíquico. Ademais, as modificações causadas pelo uso de psicofármacos, reforçam a urgência de abordagens terapêuticas complementares.

Por fim, ressalta-se a necessidade de integração multidisciplinar, resultando em atendimento eficaz dos pacientes em uso contínuo de psicotrópicos, contribuindo para uma prática clínica mais segura e alinhada às novas demandas de saúde mental e bucal no Brasil, destacando que o conhecimento dessas alterações é a mudança crucial para diferenciar o cuidado integral e humanizado.

REFERÊNCIAS

1. ABREU MHNG, ACÚRCIO FA, RESENDE VLS. Utilização de psicofármacos por pacientes odontológicos em Minas Gerais, Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, Washington, 2000; 7(1): 17-23.
2. ALMEIDA PV, et al. Antidepressants: side effects in the mouth. In: VIRDI M (Ed.). *Oral health care – pediatric, research, epidemiology and clinical practices*. 2012; 113-128.
3. BOCCATO VRC. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo*, São Paulo, 2006; 18(3): 265-274.

4. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância Sanitária. Portaria SVS/MS nº 344, de 12 de maio de 1998. Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial. Diário Oficial da União: Seção 1, n. 91, 15 maio 1998; 1-18.
5. BRASLOW JT, MARDER SR. History of psychopharmacology. Annual Review of Clinical Psychology, Palo Alto, CA, 2019; 15(1): 25-50.
6. CARVALHO EMC. Aspectos relevantes do sistema estomatognático e da saúde bucal de indivíduos portadores de transtornos mentais e comportamentais em uso de antipsicóticos típicos. Dissertação (Mestrado em Odontologia) – Faculdade de Odontologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016; 156 f.
7. CLARK GT, RAM S. Four oral motor disorders: bruxism, dystonia, dyskinesia and drug-induced dystonic extrapyramidal reactions. Dent. Clin. N. Am., Philadelphia, 2007; 51(1): 225-243.
8. COELHO PHO. Psiquiatrias e psicotrópicos: o uso de substâncias psicoativas pela terapêutica psiquiátrica na década de 1950 em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024; 125 p.
9. FRANCO AG, et al. Medicamentos psicotrópicos e a sua correlação com o sistema estomatognático na pandemia do Covid - 19: uma revisão de literature. InterAmerican Journal of Medicine and Health, 2022; 5: e20220228.
10. GODOY AS. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, 1995; 35(2): 62.
11. GORENSTEIN C, ANDRADE LHSG, ZUARDI AW. Escalas de avaliação clínica em psiquiatria e psicofarmacologia. São Paulo: Lemos Editorial, 1999; 246 p.
12. ODILON NN, et al. Avaliação do fluxo salivar e capacidade tampão da saliva de pacientes psiquiátricos em uso de agentes psicotrópicos. Revista de Ciências Médicas e Biológicas, 2017; 16(3): 350-355.
13. OLIVEIRA AKS, et al. Perfil do uso de psicofármacos: percepções do sanitarista sobre o cuidado em saúde mental coletiva no território. Revista Expressão Católica Saúde, 2023; 7(2): 45-55.
14. PRADO MAMB, FRANCISCO PMSB, BARROS MBA. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, 2017; 26(4): 747-758.
15. RESENDE GB, SILVA IMS, OLIVEIRA LB. Bruxismo desencadeado pelo Escitalopram persiste mesmo após descontinuidade do fármaco: um relato de caso. RGO, Revista Gaúcha de Odontologia, 2024; 72: e20240044.
16. SACCHETTO MSLS, et al. Evaluation of oral health in patients with mental disorders attended at the clinic of oral diagnosis of a public university. Revista de Odontologia da UNESP, 2013; 42(5): 344-349.

17. SANTOS DLN, et al. Perspectiva multiprofissional sobre a saúde bucal de pacientes de uma instituição psiquiátrica. *Revista de Pesquisa em Saúde / Journal of Health Research*, 2018; 19(1): 29-32.
18. ULISSES SA, et al. Saúde bucal em pacientes com transtornos mentais: uma revisão da literatura. *Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research*, 2020; 2(3): 59-66.
19. VELASCO-ORTEGA E, et al. Dental caries status of patients with schizophrenia in Seville, Spain: a case-control study. *BMC Res. Notes*, London, 2017; 10: 1-7.
20. YAGIELA JA, et al. *Farmacologia e terapêutica para dentistas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011; 920 p.